

“Dívida dos países latinos é uma ameaça”

Miami — As enormes dívidas externas da América Latina estão criando um “castelo de cartas econômico às portas dos Estados Unidos”, diz um estudo divulgado, ontem, na Flórida, e elaborado pela Universidade de Miami, que explica: “as dívidas dos países da América Latina são tão grandes que a metade dos ingressos gerados por suas exportações é consumida só no pagamento dos juros”.

Esta situação, conclui o chamado “Relatório de Miami”, não é uma recessão temporária, mas sim uma crise econômica “equivalente em seriedade à grande depressão da década de 30”.

O estudo atribui a instabilidade da região aos problemas econômicos e sociais e recomenda 56 mudanças na política norte-americana para evitar uma catástrofe financeira e social na América Latina e no Caribe, ao mesmo tempo em que endossa, de forma geral, a invasão de Granada e outras medidas do Governo Reagan na região.

Preparado com a ajuda de professores universitários, empresários, banqueiros, jornalistas e outros norte-americanos da Flórida, que trabalham em áreas relacionadas à América Latina, o estudo recomenda mudanças na política de imigração, incentivo aos direitos humanos e eleições democráticas, empréstimos e investimentos.

As diretrizes em vigor, diz, poderão permitir ao hemisfério ocidental “passar mancando por sucessivas crises financeiras”, mas não produzirão a recuperação econômica e deixarão “uma região perigosamente afetada à nossa porta”.

“Mesmo as projeções mais otimistas mostram países latino-americanos enfrentando um futuro de extensões rotineiras das dívidas, o que exigirá uma participação crescente de poupanças locais e inibirá os fluxos de capital externo para o desenvolvimento”.

A única maneira de remediar a situação é reativar os setores produtivos através de reestruturação das dívidas, investimentos de capital, política comercial preferencial e outras mudanças, conclui o estudo.

Por outro lado, ele apóia categoricamente a ação militar do governo norte-americano em Granada e pede a manutenção da ajuda militar à região, além de exortar os Estados Unidos a assumirem uma posição mais dura ainda contra intervenções soviéticas e cubanas, embora observando que a política para a região “precisa em parte, evitar futuras granadas”.

Entre suas recomendações, figuram:

— Reestruturar as dívidas externas de forma a que se coadunem com a capacidade de pagamento dos países devedores e facilitar os reescalonamentos de pagamento;

— Usar o Federal Reserve — o Banco Central norte-americano — para fornecer aos bancos dinheiro para empréstimo destinados a estimular a produção;

— Fornecer créditos fiscais a empresas norte-americanas que usarem equipamentos e materiais fabricados nos Estados Unidos para operações na América Latina e no Caribe;

— Expandir a política comercial preferencial;

— Ratificar a convenção internacional sobre os direitos civis e políticos e a convenção americana sobre direitos humanos. Exortar a OEA a ajudar na realização de eleições livres.

— Ampliar os programas de treinamento militar e de intercâmbio com a região.